

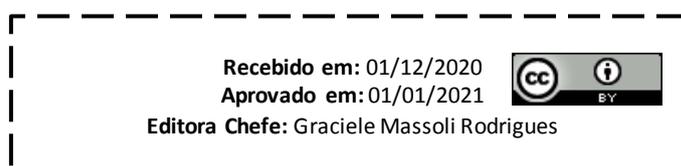
EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE PERSPECTIVA DISCENTE

¹Jean Francisco dos Santos Ferreira, ²Bruno Freitas Meireles,
³Isabel Porto Filgueiras

RESUMO

O trabalho investigou a perspectiva dos alunos dos terceiros anos e quartas séries do Ensino Fundamental de uma escola pública sobre as aulas de Educação Física. Os objetivos foram: identificar os conhecimentos dos alunos sobre os conteúdos da cultura corporal de movimento e enumerar as preferências sobre os conteúdos trabalhados pela professora. A amostra foi composta por 85 sujeitos, 41 crianças dos terceiros anos (17 meninas e 24 meninos) e 44 das quartas séries (26 meninas e 18 meninos), com idades entre oito e doze anos. A pesquisa caracteriza-se como pesquisa descritiva. Os instrumentos utilizados foram um questionário com perguntas abertas e fechadas e observação naturalística. Os resultados indicam que a maioria dos alunos conhece e vivenciou conteúdos da cultura corporal de movimento nos eixos de lutas, esportes, danças, ginásticas e brincadeiras, embora a professora não tenha trabalhado os eixos de lutas e esportes. As atividades que as crianças não gostam ou gostam pouco e as que gostam ou gostam muito são bastante diversificadas, tantas diferenças indicam a heterogeneidade de interesses a qual os professores de Educação Física lidam cotidianamente. Percebem-se diferenças de interesses pelos conteúdos de aula em função do gênero dos alunos. A atividade de pular corda apresentou a maior diferença. Há mais meninos do que meninas que rejeitam essa atividade. As brincadeiras de pega-pega aparecem em primeiro lugar entre as atividades que os alunos não gostam ou gostam pouco, provavelmente porque são estratégias utilizadas desde o ensino infantil. O futebol aparece em segundo lugar frente as atividades rejeitadas pelos alunos de ambos os gêneros, mas há mais meninas do que meninos que não gostam dessa atividade. O futebol aparece tanto nas preferências como nos conteúdos que as crianças não gostam ou gostam pouco. Esse parece ser um conteúdo que divide opiniões. As aulas na piscina forma as preferidas dos alunos, seguidas das aulas com brincadeiras no parque, denotando um diferencial das aulas de Educação Física que podem ser desenvolvidas nos CEUs. O estudo permitiu observar que há grande diversidade de interesses das crianças nas atividades das aulas de Educação Física e que os alunos conhecem todos os conteúdos da cultura corporal de movimento independentemente de serem trabalhados na escola. Os alunos gostariam de vivenciar mais atividades de lutas e esportes coletivos, além do Skate, atividades presentes na estrutura do CEU, mas que não foram abordadas pela professora da Escola.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Alunos



¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo (Brasil).

² Universidade São Judas Tadeu, São Paulo (Brasil).

³ Universidade São Judas Tadeu, São Paulo (Brasil).

PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL: A CASE STUDY OF STUDENT PERSPECTIVE

ABSTRACT

The study investigated the design of the students of third year and fourth series of the Fundamental Education of a public school on Physical Education classes. The objectives were to identify the ideas of the students on the contents present in classes and list their preferences about the contents. The sample was composed of 85 subjects, 41 children of the third years (17 girls and 24 boys) and 44 of the fourth series (26 girls and 18 boys), with ages between 8 and 12 years. The research is characterized as a case study of single. The instruments used were a questionnaire with open and closed questions and naturalistic observation. The results indicate that the activities that children do not like, he likes little, likes and loves very are quite varied, so many differences indicates the heterogeneity of interests to which the professor of Physical Education read daily. actors, singers, soccer player, anonymous names, character designs and soap opera that is a result of the involvement of the children with the media, social networks, magazine etc.

Keywords: Physical Education; School, Students

INTRODUÇÃO

No Brasil, a partir da década de 90 observam-se iniciativas de pesquisa a respeito da perspectiva discente nas aulas de Educação Física Escolar. A dissertação de Mestrado de Rangel Betti (1992) “O prazer nas aulas de Educação Física: perspectiva discente” já indicava a relevância de investigar-se o ponto de vista dos alunos sobre estas aulas. Na década seguinte, o artigo de Filgueiras et. al. (2007) pesquisa as preferências dos alunos nas aulas de Educação Física. No entanto, o levantamento bibliográfico destas duas décadas, na área de Educação Física, indica produção acadêmica inconsistente sobre o tema.

Por outro lado, os documentos curriculares de Redes de Ensino Público nos âmbitos Federal, Estadual e Municipal valorizam a perspectiva dos discentes sobre o processo educacional e os conteúdos escolares. Estes documentos incorporam, ao menos no discurso, concepções sobre a participação ativa dos estudantes no processo educacional e sobre a necessidade de incluir a perspectiva de mundo dos educandos na definição dos conteúdos e metodologias.

A defesa de que o papel da Educação Brasileira é formar para a cidadania ativa a partir dos valores democráticos também ressalta a necessidade de os educadores conhecerem como os alunos interpretam o conhecimento escolar.

Na área de Educação também se observa produção sobre a perspectiva das crianças acerca do processo educacional. Os trabalhos de Kramer (1996), Agebaile (1996), Earp (1996), Leite (1996) e Ferreira (1998), citados por Kramer (2002), juntamente com as pesquisas de Faria, Demartini & Prado (2002), Souza (1994) e Cerisara (2004), citados por Delgado & Muller (2005 b) indicam alguns esforços de pesquisadores brasileiros na compreensão do que as crianças pensam sobre a Escola.

Estas investigações pautam-se na consolidação de um novo conceito de infância conforme indica Kramer (2002).

“Temos feito no Brasil, nos últimos vinte anos, um sério esforço para consolidar uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas” (KRAMER, 2002, p.45).

A evolução dos estudos em sociologia da infância no Brasil (QUINTEIRO, 2002; KRAMER, 2002 e LEITE & MULLER, 2005) é outro fator que influencia o interesse da pesquisa acadêmica na investigação com crianças. A sociologia da infância é uma área de estudos que visa constituir a infância como objeto sociológico e não apenas com objeto de pesquisas biologistas que investigam sua maturação e ou psicologizantes nas quais a criança é vista como um ser em desenvolvimento, independentemente das construções sociais sobre e para elas e de suas condições de vida (SARMENTO, 2005).

“Nesse sentido, é imperioso construir e aprofundar aportes teóricos capazes de qualificar o entendimento sobre as formas de participação infantil como necessidade teórica e política, a fim de gerar um conjunto de categorias que não somente fomeçam novos tipos de questionamentos críticos e de pesquisa, mas que também indiquem aos profissionais que trabalham diretamente com as crianças, estratégias e modos de atuação alternativos” (AGOSTINHO, s/d p. 3).

A valorização da participação ativa das crianças nos processos educacionais e na pesquisa reflete-se também na Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989) , segundo este documento, o Estado deve garantir, entre outros direitos:

“à criança que for capaz de formular seus próprios juízos, o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados à criança, levando-se devidamente em consideração essas opiniões, em função da idade e maturidade da criança”.

“(…) o direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo (...) por meio das artes ou por qualquer outro meio escolhido pela criança” (...).

Neste sentido, investigar a perspectiva discente sobre as aulas de Educação Física torna-se uma tarefa com dupla asserção: 1. Compreender o ponto de vista das crianças como atores sociais, respeitando seus direitos participativos; 2. Gerar conhecimentos para a reflexão sobre

o currículo, as metodologias de ensino e a formação de professores para Educação Física Escolar.

Segundo Delgado e Muller (2005b) a pesquisa com crianças envolve a superação de três grandes desafios: 1. Superar a lógica adultocêntrica na qual a criança é investigada sob a perspectiva dos adultos e não com intenção de revelar o que realmente interpretam do mundo e como constroem representações enquanto agentes ativos que constroem suas próprias culturas; 2. Aperfeiçoar as estratégias de entrada no campo para que o adulto agir de forma coerente com os princípios éticos. 3. Refletir sobre os procedimentos éticos, *pois* a força adulta baseada nas relações de poder e no tamanho físico podem influenciar em decisões coercitivas dos adultos.

Investigar a perspectiva discente sobre as aulas de Educação Física é um tema relevante para a reflexão dos pesquisadores e profissionais sobre os currículos e metodologias de ensino e para o desenvolvimento de metodologias de pesquisa com crianças.

Nesse contexto, foi objetivo geral da pesquisa analisar a concepção dos alunos dos terceiros anos e quartas séries do Ensino Fundamental de uma escola pública sobre as aulas de Educação Física. Mais especificamente foram objetivos do estudos: 1. Identificar o conhecimento dos alunos dos terceiros anos e quartas séries do Ensino Fundamental os conteúdos da cultura corporal de movimento e 2. Enumerar as preferências dos alunos sobre os conteúdos presentes nas aulas de Educação Física.

A ÉTICA NA PESQUISA COM CRIANÇAS.

Kramer (2002) descreve diversas pesquisas com crianças. Estes trabalhos enfrentaram dilemas éticos discutidos pela autora. Um dos dilemas diz respeito à necessidade dos investigadores preservarem a identidade das crianças que participaram de estudo. Essa preocupação deve-se à possibilidade dos sujeitos serem reconhecidas como participantes da pesquisa. Para que isso não ocorra, deve-se discernir que não podemos citar no trabalho realizado os nomes verdadeiros das crianças, para não constrangê-las ou colocá-las em risco.

Kramer (2002) também relata que alguns pesquisadores optaram por discutir com as próprias crianças os nomes que elas queriam colocar na versão da pesquisa, um momento rico de uma integração entre o pesquisador e sujeito da pesquisa, que mostra uma nova concepção da pesquisa com crianças, na qual os pequenos não são tratados como objetos, mas como sujeitos sociais. Esse referencial trata as crianças como sujeitos da história e produtoras da sua

cultura. Kramer (2002) afirma que é possível construir com as crianças o modo como querem ser chamadas na pesquisa.

Tratar as crianças como sujeitos de pesquisa e compartilhar decisões com elas, como a escolha de como serão representadas é importante porque atende à postura ética de dividir a pesquisa com os atores sociais do contexto.

Segundo Delgado e Müller (2005a), as pesquisas com crianças, tradicionalmente não se orientam pelo devido respeito à história e cultura das crianças pesquisadas, muitas vezes, os pesquisadores tratam as crianças como indivíduos que não tem cultura, esvaziando-as. Em outro artigo, as autoras relatam (DELGADO & MULLER, (2005b) que os investigadores vêem os pequenos como um resultado de dados para resolver questões psicológicas, simplesmente eles utilizam dos dados e argumentam questões sobre as crianças na visão do adulto, esquecendo que os pequenos são sujeitos e autores na pesquisa, já que fazem parte de uma sociedade como os adultos.

É necessário que os pesquisadores retornem à sociedade os resultados das pesquisas que realizam. Para que sociedade reconheça a importância da pesquisa e como os dados da investigação poderiam auxiliar e/ ou orientar melhorias, promover debates e suscitar críticas. Porém, existe a dificuldade de trazer os resultados às instituições porque exporiam as crianças, pondo em risco a integridade física e mental dos pequenos; por isso muitas pesquisas feitas com crianças em instituições não dão retorno.

Os pesquisadores que ocultam os nomes fazem e seguem a ética, mas por outro, ocultar os nomes das crianças faz com elas deixem de ser sujeitos produtores de cultura.

Com o medo de revelar os nomes dessas crianças, muitos autores optaram por debater com elas sobre os nomes que irão utilizar porque denúncias graves sobre a instituição que tem suas tutelas, sobre docentes de escolas e até mesmo sobre a violência presenciada ou vivida cotidianamente em ambientes que supostamente estariam seguros e protegidos.

Para Silva (2008) os estudiosos estão pesquisando as crianças e não realizando uma pesquisa com as crianças. Isso reforça, ainda mais, a hipótese que as crianças não são tratadas como sujeito que fazem parte de uma sociedade. Autores como Corsaro (1997, 2003); Delgado & Müller (2005b) defendem que temos que fazer pesquisa com as crianças e não uma pesquisa sobre as crianças. Esses pequenos são atores que podem relatar algo, informar sobre alguma coisa, construir e reconstruir sua própria cultura. São indivíduos que simplesmente podem sair do anonimato e modificar e recriar a sua cultura entre seus pares.

Os pesquisadores devem refletir sobre os modos de tratamento que pressupõem a passividade e procurar alternativas metodológicas para inserir as crianças como atores sociais da pesquisa.

Alderson, (2005), Delgado e Müller (2005b), Silva et.al., (2008) descrevem que os pequenos têm sua própria cultura, que constroem, produzem e transformam a sociedade. Simplesmente não podemos pensar que as crianças não são sujeitos da cultura, temos que entender e compreender os dilemas que fazem parte da cultura infantil. A partir das vozes dos pequenos, nós, adultos, podemos perceber e trabalhar para valorizarmos as vozes das crianças na pesquisa.

“As crianças são seres que constroem cultura de pares, ou seja, em grupos desenvolvem uma linguagem, fazem negociações, têm opiniões próprias. E fogem do controle dos adultos” (SILVA et. al., 2008).

A sociologia e a psicologia debatem que devemos tratar as crianças s como sujeito da própria cultura. Precisamos perceber e entender os próprios como indivíduos da sociedade para constrói, produzir e transforma na cultura dando vozes aos mesmos.

A maioria das pesquisas sobre as crianças não permitem a expressão da voz dos pequenos, nem os escutam. A boa pesquisa sobre as crianças deve ingressar no mundo infantil para entender, compreender e compartilhar os momentos, a expressão e o que verbalizam. Nos estudos de Alderson (2005); Delgado e Müller, (2005b), Filgueiras (2007), Silva (2008), aproveitam-se as falas dos pequenos, para repensar os procedimentos dos adultos com as crianças. Isso fará com que aprendizagem e o ensino se aprimore cada vez mais, contribuindo para que os docentes promovam aprendizagens reflexivo-significativas que possibilitem ecoar as vozes as crianças em múltiplos contextos.

“A pesquisa em sociologia da infância propõe um novo modelo de socialização, que nega a ideia da passividade da criança na recepção dos conteúdos culturais. As crianças são atores sociais que criam e modificam culturas” (FILGUEIRAS et. al., 2007, p. 25).

Kramer (2005); Delgado e Muller (2005a), colocam as crianças como sujeitos criativos da sua própria cultura e da história, mas por outro lado não podemos deixar de destacar que outros estudos tratam as crianças como um objeto. Os pequenos merecem ser tratados como crianças na forma de brincar na qual entendam a realidade, e esse entendimento sobre a criança dependerá da metodologia utilizada.

Abranger procedimentos que tenham como objetivos as vozes, olhares, e ponto de vista dos alunos, saber o que gostam o que não gostam, o que pensam sobre as aulas de educação física e fazer com tornem sujeitos ativos pode ser uma importante ferramenta para que os professores de educação física adéqüem seus conteúdos aos interesses e necessidades dos alunos e avaliem seus planejamentos. Autores como Graue & Walsh; Alderson (2000); Marianne Gullestad que são citados no trabalho de Delgado e Müller (2005b) informam que as crianças são pesquisadores do seu próprio ambiente.

Muitas coisas ainda não procedem de uma forma adequada, estudos estão sendo realizados com crianças não as tratam como sujeitos ativos sem da voz, temos que se colocar no lugar deles, será que gostaríamos que se realizasse um trabalho com nós adultos, tratando-o como pessoas passivas, sem vozes e utilizando nós para realizar pesquisa invasiva? O objetivo é centrar os olhares nas crianças quando fomos realizar pesquisa com elas e esquecer os adultos, ver e rever sempre o ponto de vista da criança se colocar no lugar delas antes de realizar qualquer procedimento.

A convenção da (ONU) tem 54 artigos que falam diretamente sobre os direitos dos adultos e diretos e participações das crianças e dentre esses 3 artigos que abordam mais sobre essas questões dos diretos e participações das crianças propõem que:

“à criança que for capaz de formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados à criança, levando-se devidamente em consideração essas opiniões, em função da idade e maturidade da criança” (12); *

“(…) o direito à liberdade de expressão. Esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e divulgar informações e ideias de todo tipo (…) por meio das artes ou por qualquer outro meio escolhido pela criança” (….) (13);

“(…) o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística (31)” (ALDERSON, 2005, p. 421).

O Papel da Educação Física na Escola

No Brasil, a Educação Física já serviu à preparação militar e à formação moral da juventude. A Educação Física também já foi utilizada para combater doenças, em uma concepção higienista da educação. As metodologias de ensino da Educação Física eram inspiradas na disciplina e no adestramento das pessoas. Um dos objetivos era fazer com que a população se envolvesse com os exercícios para não se preocupar com os problemas políticos do país. O governo militar acreditava que quanto mais pessoas se envolvessem com atividade física menos atritos e empecilhos iria enfrentar no campo político

A Educação Física também foi influenciada pela eugenia. Tinha a função de colaborar para o processo de seleção natural, eliminando os mais fracos e raças inferiores. Padronizar a beleza, eliminando as pessoas ditas deficientes ou doentes, favorecendo as raças superiores.

A Educação Física Escolar também foi considerada como uma forma de detectar, selecionar e treinar talentos esportivos para representarem o país em grandes eventos internacionais.

Nos dias atuais, a prática pedagógica da Educação Física ainda é influenciada pelas perspectivas tradicionais: prevenção de doenças, disciplina de cima para baixo, discriminação dos menos habilidosos, reprodução de estereótipos e preconceitos.

Em termos conceituais e curriculares a Educação Física é a disciplina curricular e área de intervenção profissional no campo da educação, que lida com a cultura corporal relevante para seu grupo social viver em sociedade. A Educação Física Escolar deve proporcionar que o aluno vivencie diferentes formas de organização, criação de normas para as atividades e a descoberta de formas cooperativas e participativas de ação.

A Educação Física Escolar tem como função trabalhar a cultura corporal de movimento por meio do qual as crianças se comunicam, se expressam, se relacionam com os objetos culturais e ampliam seus potenciais

Esse trabalho entende que a escolha de conteúdos e estratégias de ensino deve considerar a cultura do aluno, levando em consideração os conhecimentos que já adquiriu em suas vivências pessoais e na comunidade da qual faz parte.

Nesta visão o aluno terá a oportunidade de selecionar problemas e construir um novo conhecimento em cima da informação que ela já tem. O educador aproveita do repertório do aluno, para os processos de assimilação de novos conteúdos. A partir da reflexão, assimilação e acomodação de novas construções de movimento, o aluno produz soluções para as situações problema propostas em aula. Nessa concepção é fundamental que o professor conheça o que as crianças pensam sobre as aulas de Educação Física.

METODOLOGIA

Alderson (2005) afirma que um dos grandes desafios da pesquisa com crianças é a utilização de métodos muito complicados ou mal explicados que levam ao sentimento de incapacidade ou a respostas errôneas ou tendenciosas. Rosado (2010) defende que as

investigações com crianças exigem do pesquisador compromisso ético-pedagógico e científico no qual as crianças são tratadas como sujeitos de direito e não como objetos da investigação.

Silva, Barbosa e Kramer (2005) utilizam-se do referencial de Bakhtin para destacarem que a pesquisa com crianças depende da inserção do conceito de alteridade na pesquisa, ou seja, o desenvolvimento da capacidade do pesquisador colocar-se no lugar do outro, observar, ouvir e dar voz ao outro. Para este tipo de investigação a abordagem qualitativa descritiva torna-se relevante.

“Nas ciências humanas, o **critério de validade**, para Bakhtin (2003), é a **profundidade**. É impossível conhecer totalmente o outro nos seus próprios termos; da mesma forma, não é possível conhecer totalmente a si mesmo. **A alteridade é fundamental para o conhecimento do outro, de mim como um outro e, portanto, da criança como um outro**, que me faz rever uma posição de pesquisador e minha identidade de adulto. O modo de enfrentar ou **ultrapassar este viés é explicitar o lugar de onde se pesquisa**, o contexto, os limites, as condições de produção (de gestos, discursos e ações, incluindo as condições de produção da própria pesquisa). **Descrever densamente torna-se, pois, fundamental**, tanto nos marcos da antropologia quanto nos marcos da concepção filosófica da linguagem de Bakhtin” (SILVA, BARBOSA & KRAMER, 2005, p. 45 grifo nosso).

Este referencial conceitual nos leva a adotar abordagem qualitativa descritiva como uma estratégia metodológica para a presente investigação.

Foram instrumentos de coleta 1. Observação naturalística das aulas de Educação Física. 2. Questionário escrito para as crianças

As observações naturalísticas foram realizadas ao longo de quase um ano, turmas do terceiros anos e quartas séries. As notas do pesquisador foram registradas em diário de campo enfatizando-se as falas das crianças sobre as aulas e a dinâmica de conteúdos e estratégias utilizadas pelo professor. A observação naturalística foi realizada no momento dos estágios e da pesquisa.

Os sujeitos foram 85 alunos dos terceiros anos e quartos anos do ensino fundamental, com idade entre 8 e 12 anos, sendo 41 crianças do terceiros anos e 44 dos quartos anos, sendo 17 do gênero feminino e 24 do gênero masculino do terceiros anos e 26 do gênero feminino e 18 do gênero masculino de uma mesma escola pública municipal.

Para atingir os objetivos deste trabalho foi aplicado, como instrumento de coleta, um questionário composto de questões abertas e fechadas com apoio de imagens adaptado do Grupo de Estudo e Pesquisa de Educação Física Escolar Mackenzie

Os dados das observações foram tratados de modo descritivos. Os dados do questionário organizados em categorias e descritos conforme quantidade de referências.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O pesquisador dirigiu-se a uma Escola de Ensino Fundamental da Rede Pública de um Município da Grande São Paulo para apresentar a pesquisa. A instituição, os pais e o professor de Educação Física envolvidos no estudo receberam a Carta de Informação e o termo de consentimento livre e esclarecido. As crianças também receberam a Carta de Informação e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em linguagem apropriada à sua compreensão.

Além destes procedimentos, a pesquisa assumiu as orientações sobre os procedimentos éticos da investigação com crianças: 1. O pesquisador deixou claro seu objetivo e obteve o consentimento dos outros adultos e instituições envolvidas na pesquisa; 2. Os métodos e informações recolhidas na pesquisa não expõem as crianças nem constrangeu-as a participar; 3. O pesquisador evitou que as questões de entrevistas, questionários e observações causassem insegurança ou estresse nas crianças; 4. O pesquisador conheceu a cultura local para evitar constrangimentos às crianças. 5. O pesquisador permitiu que as crianças escolhessem os nomes fictícios que gostariam de receber. Os discentes citaram nomes famosos como jogadores de basquete, atrizes, atores, cantoras, jogador de futebol, nomes anônimos, personagem de desenhos e novela isso é consequência do envolvimento das crianças com a mídia.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa aconteceu em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da grande São Paulo localizada no interior de um Centro Educacional Unificado (CEU). Devido a esta localização, os alunos da escola utilizam espaços bastante diversificados para as aulas de Educação Física, pois o complexo do CEU dispõe de Teatro; Salão de ginástica; Telecentro; Pista de “Skate”; Centro Comunitário; biblioteca; piscinas semi- olímpicas e de recreação; quadras poli-esportivas (ginásio coberto) e padaria-escola.

Segundo o projeto pedagógico da instituição, a escola recebe uma clientela composta por famílias carentes e de classe média da região. Parte da comunidade vive nas favelas próximas à escola em situações precárias, embora já existam construções de alvenaria e os familiares, quando trabalham, recebem, em grande parte, salário mínimo. Já outra parte da comunidade são famílias de classe média, que de forma geral têm boas condições e acesso aos bens de consumo e culturais.

A professora de Educação Física da Escola é formada em Licenciatura Plena numa Universidade particular da grande São Paulo no curso de Educação Física, ano de 2005. Atua como professora na rede ensino do município desde 2008 e está há 4 anos na mesma escola, ministrando aulas para o Ensino Fundamental I – de 1º a 5º ano.

No Ensino Fundamental I a professora tem tentado levar os alunos a conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura não preconceituosa, reconhecendo os limites e possibilidades do próprio corpo, bem como adotando atitudes de respeito e cooperação, objetivo que consta dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (BRASIL, MEC, 1997).

A professora admite que tenha dificuldade em trabalhar alguns conteúdos da cultura corporal de movimento. Em relação às lutas a professora relata que tem dificuldade de trabalhar com este conteúdo, devido à violência que está inserida na comunidade e sociedade.

Sobre brincadeiras, danças, jogos, ginásticas a professora trabalha todos esses conteúdos com seus alunos. Sobre os esportes a professora não dá ênfase a esse conteúdo porque acredita que não é momento de trabalhar esses conteúdos nessa faixa etária. Caso a professora precise utilizar o esporte nas aulas será como estratégia para debater algum assunto que seja objetivo de seu plano de ensino.

Os alunos conhecem os Esportes por meio da mídia ou realizam ou realizaram essa atividade no C.E.U ou em outros contextos. Os alunos praticam esportes nas aulas de Educação Física quando a professora permite aula livre. Sobre as brincadeiras a professora aborda nas aulas, mesmo assim muitos alunos preferem realizá-las nas aulas livres, dadas na primeira semana do mês.

A observação da escola e das aulas de Educação Física aconteceu ao longo de 1 ano de pesquisa envolvendo o estágio docente do terceiro autor da pesquisa. Os conteúdos trabalhados pela professora com os terceiros anos ao longo das observações foram: Mapeamento do corpo humano anatômico; Jogos cooperativos; Característica e diferença de jogos e esportes; Atividades rítmicas; Danças da cultura popular; Capacidades e habilidades físicas e orientação espaço-temporal; Meio líquido e possibilidades de deslocamento corporal; Efeito da atividade física e da água sobre o organismo e a saúde; Forma de brincar em pequenos e grandes grupos; Assembleias escolares; Atividades sensoriais na natureza; Brincadeira da cultura Infantil presente na história dos pais e avós. Os conteúdos trabalhados com as quartas séries foram: Jogos cooperativos; Atividades competitivas; Atividades rítmicas e danças por razões culturais,

sociais e gênero; Exploração e criatividade e desenvolvendo noções de espaço/tempo e forma; Limites e possibilidades das capacidades e habilidades físicas dentro das vivências da cultura corporal de movimento; Efeitos da atividade física e da alimentação sobre o organismo e a saúde; Funções orgânicas relacionadas com a atividade motora; Esteriótipos atribuídos a cultura corporal de movimento; Meio líquido e Flutuação; Meio Líquido e possibilidades de deslocamento corporal; Assembleias escolares; Formas de brincar em pequenos e grandes grupos; Atividades sensoriais na natureza; Funções orgânicas relacionadas com a atividade motora.

A docente explicava o objetivo da aula para, junto com estagiário, auxiliar os discentes na atividade proposta pela professora. Depois era realizada uma reflexão sobre atividade: se foi bom, o que foi ruim, o que poderia ser diferente ou melhorar. A professora não entregava a atividade pronta apenas para a execução dos alunos. A docente orientava a base da atividade e deixava os alunos pensarem e executarem as demais atividades com os conhecimentos prévios dos alunos. Quando as atividades eram de interesses dos discentes, todos participavam e auxiliavam uns aos outros. Por outro lado, quando a atividade proposta não agradava alguns alunos faziam de tudo para atrapalhar a aula e não participavam da atividade. Esta situação era revertida por um diálogo franco onde era diagnosticado o motivo da recusa do aluno em interagir e sanadas possíveis divergências. A docente trabalhava com atividades próximas da cultura dos alunos. Quando acontecem projetos nas escolas, os discentes participavam da construção e execução do planejamento, apesar da finalização ser definida pelos professores.

As respostas dos alunos ao questionário foram tratadas por meio da análise de conteúdo e quantificadas.

A distribuição de atividades que as crianças afirmam não gostar e gostar pouco nas aulas de Educação Física é bastante diversificada. Ao todo, citaram 27 tipos de atividades, sendo que em várias categorias incluíram-se variedades. Tal diversidade indica a heterogeneidade de interesses a qual a professora de Educação Física lida cotidianamente. 35 alunos citaram pega-pega, 29 futebol, 16 pular corda, 15 corrida pô, 9 dança, 8 esconde-esconde, 8 brincar de correr, 5 assistir filme, 5 gostam de tudo, 5 parque, 4 brincar com bambolê, 4 jogos, 4 piscina, 3 brincar de basquete, 3 aula livre, 3 aula na sala, 2 fazer exercício, 2 ping pong, 2 pique bandeira, 1 ginástica, 1 atividade no morro, 1 atrapalhar professora, 1 lutas, 1 meninos não deixarem as meninas participarem no futebol, 1 pátio, 1 queimada, 1 vôlei.

As atividades com maior rejeição foram diferentes tipos de pega-pega. 41% dos alunos admitem não gostar ou gostar pouco dessas atividades. Esse dado pode estar relacionado ao fato de os alunos vivenciarem brincadeiras de pega-pega desde a Educação Infantil. O futebol foi rejeitado por cerca de 34% dos alunos, os meninos também afirmam não ter interesse por essa atividade. Esse dado indica que o futebol não é 100% aceitado na escola, como afirmam muitos professores de Educação Física.

A distribuição de atividades que as crianças afirmam gostar e gostar muito nas aulas de Educação Física é bastante diversificada. Ao todo, citaram 25 tipos de atividades, sendo que em várias categorias incluíram-se variedades. 49 alunos mencionaram natação, 26 brincar no parque, 24 corrida pô, 21 futebol, 19 aula livre, 9 pega-pega, 7 brincadeira, 4 teatro, 3 lutas, 3 basquete, 3 gosta de tudo, 3 correr, 2 dança da cadeira, 3 pula corda, 2 tênis, 2 vôlei, 2 queimada, 2 bambolê, 2 jogos, 2 brincadeira em grupo, 1 atividade, 1 aula com professor Pascoal, 1 aula na sala de ciência, 1 brincadeira do rio, 1 dançar, 1 escorregador, 1 ginástica. Mais da metade dos alunos afirmam grande interesse pelas atividades na piscina. Esse resultado aponta o valor da estrutura do CEU para a diversificação dos interesses das crianças por conteúdos da cultura corporal de movimento.

A distribuição de atividades que as crianças afirmam que gostariam de conhecer e vivenciar nas aulas de Educação Física é bastante ampla. Ao todo, citaram 32 tipos de atividades, sendo que em várias categorias incluíram-se variedades. 23 alunos citaram lutas, 18 vôlei, 12 skate, 12 basquete, 9 aprender a nadar, 8 tênis, 8 danças, 7 ping pong, 7 queimada, 7 ginástica, 5 futebol, 5 teatro, 4 andar de bike, 3 pega-pega, 3 parque, 3 golfe, 3 corrida pô, 2 jogo da força e dama, 2 ballet, 2 beisebol, 2 correr, 1 aquecimento, 1 briga do dedão do pé, 1 brincadeira da África, 1 brincadeira do disco, 1 brincadeira que pode realizar, 1 futebol americano, 1 handebol, 1 jogos com mais movimentos, 1 jogos olímpicos, 1 parque, 1 pula corda, 1 subir nas árvores,

. Há atividades que as crianças querem vivenciar, mas a professora não dá prioridade, como as lutas, esportes coletivos e o Skate. Seria interessante que a docente refletisse sobre a viabilidade de tais atividades, já que trabalha na perspectiva da cultura corporal e do respeito aos conhecimentos e interesses dos alunos.

Um dos objetivos da presente pesquisa era investigar os conhecimentos das crianças sobre os diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento. Para tal, os alunos deviam identificar imagens que retratavam tais conteúdos.

Ao perguntamos sobre a identificação das imagens de lutas foram mencionadas pelos discentes 10 categorias. 66 alunos citaram capoeira, 62 judô, 61 karate, 13 jiu jitsu, 7 lutas, 5 artes marciais, 3 kung fu, 2 boxe, 1 esportes, 1 aikido. As atividades de luta não foram trabalhadas pela professora. Ela admitiu não ter uma identificação com esse conteúdo, e acreditar que as crianças já estão inseridas numa comunidade que é muito violenta. No ano anterior, a professora tentou trabalhar a capoeira, mas teve problemas com a aula prática e só abordou em sala.

Ao perguntamos sobre a identificação das imagens de brincadeiras foram citadas pelos discentes 16 categorias. 57 alunos mencionaram pular corda, 54 jogar peão, 46 críquete, 45 corrida de saco, 17 brincadeiras, 5 jogos, 4 tênis, 3 festa junina, 3 corrida, 2 esporte, 2 futebol, 1 atividade, 1 crianças brincando, 1 dança, 1 golfe, 1 vôlei. As crianças afirmaram terem vivenciado as brincadeiras. Algumas crianças confundiram as brincadeiras e afirmaram que as imagens tratavam de tênis, vôlei, futebol, festa junina, esporte, dança, atividade, golfe, jogos.

Foram mencionadas 13 categorias na identificação das danças. 85 alunos citaram dança de diferentes ritmos, 49 festa junina, 48 roda de ciranda, 8 festa, 8 ballet, 3 salto/pulando, 3 brincadeiras, 3 carnaval, 2 ginástica, 1 crianças brincando, 1 cultura, 1 música, 1 telefone sem fio. A professora trabalhou esse eixo em suas aulas.

Foram mencionadas pelos discentes 19 categorias relacionada às ginásticas algumas. 63 crianças citaram ginástica, 46 mágico, 20 ballet clássico, 14 bambolê, 7 circo, 7 bailarino/bailarina, 6 dança, 5 fita, 3 alongamento, 2 brincadeiras, 2 exercício, 2 cama elástica, 1 atividade, 1 acrobata, 1 jogo, 1 esporte, 1 não sabe, 7 ponte, 1 salto. Esses conteúdos foram aplicados pela professora nas aulas de ginástica e no projeto de circo.

Foram citadas 12 categorias no campo dos esportes. 59 alunos mencionaram basquete, 55 corrida, 54 piscina, 53 vôlei, 34 futebol, 16 esporte, 8 handebol, 3 futebol de mão, 1 esportes radicais, 1 atividade física, 1 queimada, 1 tênis, muitos desses conteúdos não foram abordados pela professora, mas refletem o interesse e conhecimento dos estudantes acerca dos esportes que circulam na mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a opinião das crianças em relação aos conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física, questionadas quais atividades gostariam ou não de trabalhar nas aulas, as crianças citaram uma ampla variedade de atividades o que reflete a diversidade de experiências culturais que o professor de educação física pode incorporar em seu planejamento a fim de

dialogar com a perspectiva discente acerca das aulas. Todas as crianças possuem seu universo e são representantes da cultura que estão inseridas, assim como influenciam na diversidade que deve ser observada e trabalhada no currículo de Educação Física.

Muitos conteúdos da cultura corporal citados pelas crianças não haviam sido trabalhados pela professora, embora seja possível notar que a diversidade de conteúdos trabalhados por ela no espaço privilegiado do CEU, que conta inclusive com uma piscina para atividades de natação incorporadas no currículo da Educação Física, possibilita que as crianças tenham garantidos direitos de aprendizagens previstos no marco legal da educação brasileira.

A pesquisa identificou que o estudo da perspectiva discente pode favorecer a melhoria do processo pedagógico, pois ao compartilharmos os dados com a professora, ela reconheceu a necessidade de mudanças em seu planejamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, K. A. **Pesquisa com crianças em contextos pré escolares: reflexões metodológicas.** Portugal: Universidade do Minho, s/d. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT07-4062--Res.pdf>. Acesso em 30/04/2011

ALDERSON, Priscilla. **As crianças como pesquisadoras: Os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa.** v. 26, n. 91, p. 419 – 442, 2005.

ALGEBAILLE, M. A. Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância : fios e desafios da pesquisa.** Campinas: Papyrus, p. 121-147, 1997.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Tradução de Maria J. Alves, Sara Bahia dos Santos, Telmo Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 1997

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. **Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas.** v. 35, n. 125, p. 161 – 179, 2005b

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. **Sociologia da infância: Pesquisa com crianças.** v. 26, n. 91, p. 351 – 360, 2005^a

EARP, M. L. S. **Assistência ou educação : o projeto alunos-residentes de CIEPs.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1996.

FERREIRA, M. D. S. **Vozes infantis, elos de coletividade : a criança da favela no seu contexto sociocultural.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1998.

FILGUEIRAS, Isabel Porto; OLIVEIRA, Greice Kelly de; PAIANO, Ronê; RODRIGUES, Luiz Henrique. **Concepções e preferências sobre as aulas de educação física escolar: Uma análise da perspectiva discente.** V.6, n.3, p. 23 – 31, 2007.

LEITE, M. I . O Que falam de escola e saber as crianças da área rural? Um desafio da pesquisa no campo. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância: fios e desafios da pesquisa.** p. 73-96. 1996.

KRAMER, Sonia. **Autoria e Autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças.** n.116, p. 41-59, 2002.

ORGANIZACAO DAS NACOES UNIDAS (ONU). **Convenção dos direitos das crianças,** 1989.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. **Perspectiva,** Florianópolis, v. 20, n. especial., p. 137-162, 2002.

RANGEL, Betti. **O prazer nas aulas de Educação Física: a perspectiva discente.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1992.

SÃO PAULO, ESTADO. **Proposta pedagógica para o Ensino Fundamental e Médio.** São Paulo, 2008.

SÃO PAULO, PREFEITURA. **Referencial de Expectativas de Aprendizagem.** São Paulo, 2007.

SARMENTO, M. J.. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância.. **Educação e Sociedade.**v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SILVA, Juliana Pereira da; BARBOSA, Silvia Neli Falcão; KRAMER, Sonia. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças.** v.23, n.01, p. 41 – 64, 2005.

SILVA, Natália Bom; SILVA, Fabiana Pereira; PERES, Eliane Terezinha. **Como desenvolver pesquisas com crianças? Primeiras Considerações sobre uma pesquisa com crianças de seis anos do ensino fundamental de nove anos.** 2008.

STAKE, R. E. **Investigacion com estudio de casos.** 2ª ed. Traducción Roc Fiella. Madrid: Ed. Morata, 1999.

YIN R. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.